



ESCOLA  
SUPERIOR  
DE SAÚDE  
CRUZ  
VERMELHA  
PORTUGUESA

# chama

**Acende ideias. Transforma a Saúde.**

**Pela equipa Editorial**

Conceição Pereira Henriques  
Dulce Oliveira  
João Neves  
Manuela Néné  
Margarida Ourô  
Sofia Militar

**Edição Comemorativa do Dia Internacional do Enfermeiro • Maio 2026**



## Editorial

Enquanto coordenadora do Centro de Documentação da então Escola Superior de Enfermagem da Cruz Vermelha Portuguesa tomei conhecimento e contato com o projeto A Chama através da Professora Conceição Pereira Henriques. Tive então, nos primeiros anos de exercício de funções na escola, uma participação breve no projeto a convite da Professora e dos estudantes envolvidos.

Duas décadas volvidas e a propósito das comemorações do Dia do Enfermeiro de 2026, vi o convite de colaborar neste editorial com a Professora Conceição, com surpresa, simpatia e necessariamente balanço.

**A escola mudou de nomenclatura, a acompanhar o seu alargamento a outras áreas de ensino, mudou de habitantes estudantes** e não estudantes. E a cultura organizacional sofreu profundas alterações igualmente.

Em 2026, a Escola insere-se num universo de Ensino Superior em rede, também na Cruz Vermelha Portuguesa, numa Europa e num Mundo em total alteração de paradigma. A uma Instituição de Ensino Superior de Saúde colocam-se hoje desafios (e, na mesma face, oportunidades) de ter um papel societal de contribuição para a formação de indivíduos profissionais de saúde com uma **prática baseada em Ciência e não ignorância; com pensamento crítico e não único; com uma formação pedagógica onde a tecnologia é coadjuvante e não serve per se; focados nas necessidades de quem cuidam; com apreço pela diversidade enquanto riqueza; com a defesa dos Direitos Humanos**, a marca de água que levou, a eles e a nós, a integrarmos esta Casa.

Entendo A Chama como um projeto de liberdade e de expressão para toda a comunidade académica, respeitadora de uma tradição com raízes na Enfermagem da Cruz Vermelha Portuguesa. Parabéns por este número comemorativo. Que contribua para a participação dos estudantes e de todos enquanto intervenientes cívicos num contexto global que coloca barreiras ao indivíduo, confundindo-o com um ser individualista e onde pesos de maioria e força ameaçam os lugares estruturais de todos, de Paz, de Ciência, de Bom Senso, de conhecimento da História e de Humanidade.

**Margarida Ourô**

Coordenadora do Centro de Documentação

# A CHAMA não iniciou agora!

(nº 1 da 2ª edição do jornal)

Em março de 2001, escrevi esta afirmação a propósito do lançamento da 2.ª edição deste jornal. É com enorme alegria que volto a fazê-lo hoje, celebrando a sua 3ª edição e o Dia Internacional do Enfermeiro.

**A comunidade académica atual talvez desconheça que A CHAMA remonta a 1952. Era o jornal da Associação das Estudantes da então Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha Portuguesa.**

A 1ª edição era o reflexo de um contexto mundial e nacional complexo. Os valores sociais e religiosos do sistema político vigente, definiam o papel da mulher enfermeira na sociedade a par com a influência médica colocando, na formação em Enfermagem, a tónica no conhecimento técnico centrado na doença e na cura colocado em prática em contextos hospitalares, a imposição de um modelo rígido de conduta moral e o cumprimento rigoroso das indicações médicas, por parte das enfermeiras auxiliares dos médicos.

**Aos olhos do médico, a Enfermeira é vista como “uma colaboradora indispensável e estimabilíssima da arte de Hipócrates”** (p. 1, nº 4 de julho de 1952), mas sempre “disciplinarmente submetida à orientação médica, valorizando a competência técnica para a condução dos tratamentos” sendo o ensino orientado para esse fim.

No jornal encontramos uma enfermagem predominantemente feminina e vista como uma vocação através da alusão ao patrono dos enfermeiros enfermeiras em Portugal, S. João de Deus, bem como à vida da enfermeira dedicada a servir ao doente: a enfermeira paciente, carinhosa, que consola, pautada pela caridade cristã e pelo rigoroso cumprimento dos princípios religiosos e da boa conduta moral... “para se ser uma boa enfermeira é necessária, e acima de tudo, a vocação” (p. 6, nº 4 de 1952).



Sendo clara neste jornal a dupla **influência da enfermagem por parte da medicina e da religião**, não deixou de ser feita alusão a grandes figuras históricas também marcantes nesta área: Florence Nightingale a partir da sua participação na guerra da Crimeia (1853) e o seu contributo na diminuição da taxa de mortalidade, com a implementação de medidas de higiene no contexto dos cuidados aos feridos de guerra. Jean Henri Dunant, fundador da Cruz Vermelha a partir da sua participação em batalhas em específico a batalha de Solferino em 1859 e ainda, Luís Pasteur por ter revolucionado a ciência e pelo impacto mundial decorrente do seu trabalho, não deixando de ser falado também por referência à sua vida cristã.

No mesmo número de jornal (nº 4 de julho de 1952), foi publicado um artigo que evidencia **linhas de rumo para a Enfermagem**. Ocupando a primeira página do jornal foca-se na preparação e formação do Enfermeiro, não anulando as duas grandes influências que até então se fizeram sentir.

Apenas alguns números da 1ª edição ficaram na posse das estudantes de então, que integraram depois o corpo docente como monitoras e posteriormente, na transição do curso de enfermagem para o ensino superior nos finais dos anos 90, como docentes (foi assim que se passou a designar), não se sabendo ao certo quantos foram os números impressos.

Na passagem da Escola das Enfermeiras da CVP para a Escola Superior de Enfermagem da CVP e de seguida para a Escola Superior de Saúde da CVP, surgiu a ideia da reedição do jornal, por parte da Senhora Professora Isabel Castanheira das Neves que me envolveu nesta sua vontade e me confiou alguns números da 1ª edição, que atualmente partilhei com as professoras Sofia Militar e Dulce Oliveira, sendo a professora Dulce uma ex-estudante do 1º CLE, turma que iniciou a 2ª edição em 2001. Desejo a ambas muito sucesso!

A 2ª edição de A CHAMA, manteve-se na Associação de estudantes, os artigos foram escritos por estudantes e por docentes, da área de enfermagem e depois de outras áreas do conhecimento do âmbito da saúde.

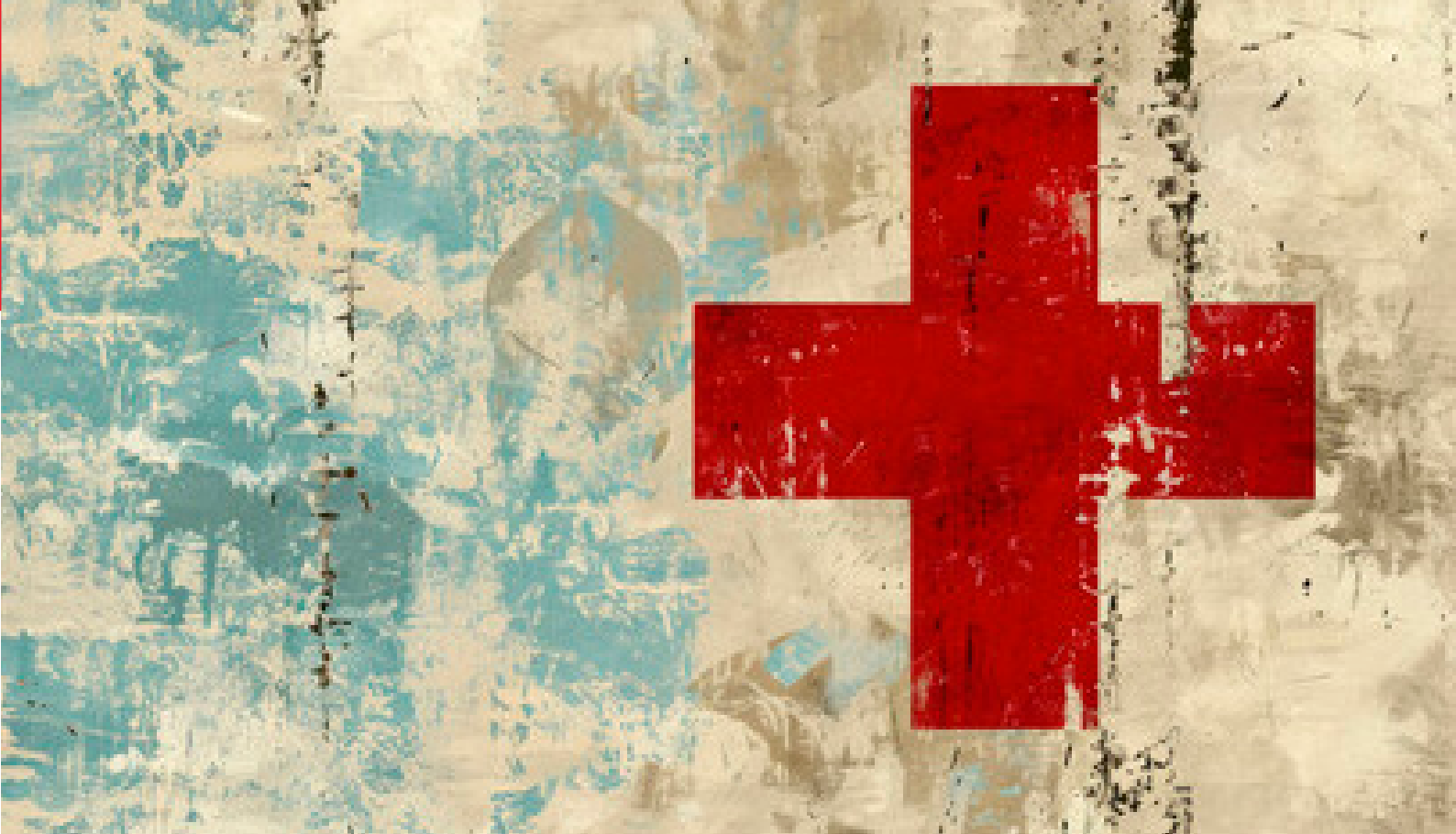


Em 2001, publicaram-se trabalhos elaborados pelos alunos no âmbito das unidades curriculares, foi feita referência a filmes, livros, exposições, e partilharam-se artigos referentes a momentos de lazer e à vida académica.

Desejo que se envolvam neste projeto, que partilhem conhecimento, registem as vivências bem como os acontecimentos mais marcantes da construção da identidade profissional do Enfermeiro da Cruz Vermelha, ao longo dos 4 anos!

**Conceição Pereira Henriques,**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem



# Dia do Enfermeiro

## Significado e Atualidade.

O Dia Internacional do Enfermeiro é mais do que uma data simbólica: é um momento de reflexão sobre o contributo essencial que os Enfermeiros desempenham na sociedade e uma oportunidade para reconhecer o cuidado de Enfermagem como uma expressão concreta de humanidade.

No contexto da Cruz Vermelha Portuguesa, a Enfermagem ganha um significado particularmente profundo, enraizado numa história de intervenção em cenários de sofrimento, crise e vulnerabilidade humana. Desde a sua génese, ligada ao movimento internacional inspirado por Henry Dunant, **a Enfermagem na Cruz Vermelha assumiu-se como resposta organizada às necessidades emergentes em contextos de conflito e catástrofe.**

Em Portugal, a Cruz Vermelha desempenhou um papel determinante ao longo do século XX, nomeadamente no apoio a feridos em conflitos, na resposta a desastres naturais e na prestação de cuidados às populações mais fragilizadas. **A formação de enfermeiros surgiu, assim, como uma prioridade estratégica, dando origem a estruturas de ensino que evoluíram até à atual Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa de Lisboa.** Esta instituição herda uma tradição marcada pela ação no terreno, onde os saberes técnicos e relacionais sempre caminharam lado a lado com o compromisso humanitário.

O cuidado de Enfermagem, neste enquadramento, ultrapassa o ato clínico. É uma prática relacional, ética e profundamente humana, que exige presença, escuta e capacidade de adaptação. Em contextos de adversidade, como **os que temos vivido mais recentemente, pandemias, crises humanitárias e conflitos armados, os enfermeiros frequentemente são os primeiros e os últimos pontos de contacto das pessoas.** A sua intervenção torna-se ainda mais crítica, exigindo preparação para atuar sob pressão, com recursos limitados e perante sofrimento extremo.

A Enfermagem no seio da Cruz Vermelha, sempre foi guiada pelos seus sete princípios fundamentais: Humanidade, Imparcialidade, Neutralidade, Independência, Voluntariado, Unidade e Universalidade. Estes valores não são apenas orientações institucionais, são pilares éticos que moldam a prática diária dos enfermeiros, especialmente em contextos de maior adversidade. Num mundo marcado por desigualdades e instabilidade, estes princípios continuam a ser um farol ético indispensável.

Face aos desafios atuais, como o envelhecimento populacional, as doenças crónicas e as emergências globais de saúde, torna-se evidente a necessidade de formar enfermeiros altamente qualificados e competentes em todos estes domínios. A ESSCVP Lisboa tem, neste contexto, um papel central, de preparar profissionais com competência técnica, sensibilidade humana e responsabilidade social e ética, capazes de intervir com rigor científico e sensibilidade cultural, mesmo nos cenários mais exigentes.

Celebrar o Dia Internacional do Enfermeiro é, assim, reafirmar o valor do cuidado como ato transformador e reconhecer a importância de um curso que não só transporta rigor científico, mas molda consciências e prepara para servir, com competência e compaixão, em qualquer circunstância.

#### **Leila Sales**

Diretora da Área de Ensino de Enfermagem  
Coordenadora do Centro de Simulação em Saúde - CrossSim

# Olhar para o passado, projetando o futuro: o valor pedagógico do voluntariado.

Com um forte alicerce em cuidados de emergência e uma função estratégica como Delegado do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICR), a minha vivência na guerra civil em Angola fortaleceu uma percepção abrangente sobre a gestão de crises e a ajuda humanitária. Trabalhei na junção entre a ajuda direta a comunidades vulneráveis e a diplomacia humanitária, atuando sob os princípios da neutralidade e imparcialidade em ambientes de alta instabilidade e recursos limitados. Esta experiência moldou a minha visão sobre a importância do voluntariado na Enfermagem, a qual apresento abaixo.

No percurso educativo da Enfermagem, é comum que o aluno seja cercado por um vasto conjunto de habilidades técnicas, diretrizes farmacológicas e parâmetros de avaliação. Esta é a herança de um tempo em que a precisão científica se tornou a prioridade. Contudo, ao refletirmos sobre a origem do ato de cuidar — das reformas de Florence Nightingale ao atendimento comunitário — percebemos que a nossa profissão nunca se restringiu ao ambiente estéril do hospital ou aos limites do campus universitário.

O envolvimento em atividades voluntárias, longe de ser apenas um gesto de altruísmo, revela-se como uma ferramenta pedagógica insubstituível. Serve como o vínculo que permite imaginar um futuro onde a excelência técnica respeita a dignidade humana.



# A Mudança de Perspetiva: da caridade à aprendizagem em ação.

Historicamente, o voluntariado na saúde era encarado como um ato assistencialista ocasional. Porém, a evolução da Enfermagem reclama uma transição para o conceito de **aprendizagem em ação**. Neste contexto, o estudante não se limita a “ajudar”; ele aprende a confrontar a complexidade da realidade.

É no voluntariado que as teorias se transformam de gráficos em livros para rostos e narrativas reais. Ao apoiar populações sem-abrigo, idosos isolados ou participar em missões humanitárias, o estudante confronta a intersecção entre patologias e vulnerabilidades sociais. Neste espaço, o “saber-fazer” entrelaça-se com o “saber-ser” e o “saber-estar”.

## O Espaço da Humanização

O voluntariado proporciona vantagens que o ensino clínico tradicional, frequentemente limitado pela pressão do tempo e burocracia, dificilmente oferece:

**Quebra de Estigmas:** O contacto direto com o “outro” leva o futuro enfermeiro a refletir sobre os seus próprios privilégios e preconceitos. Este entendimento é fundamental para uma prática clínica justa e verdadeiramente holística.

**Habilidades em Crises e Resiliência:** Fora do ambiente controlado, o aluno aprimora a improvisação ética, a comunicação terapêutica em situações desafiadoras e o controlo emocional. São instrumentos de sobrevivência e impacto social.

**Ética na Era Digital:** Num mercado de saúde que avança para a automação, a nossa capacidade de empatia será o diferencial. O voluntariado assegura que a profissão preserve a sua essência, reconhecendo que a saúde é promovida tanto por uma intervenção médica quanto pela escuta ativa num banco do parque ou num abrigo.

Ao respeitarmos a nossa herança de zelo e promovermos o trabalho voluntário, asseguramos que o enfermeiro do futuro não será apenas um observador, mas um especialista que compreende que o cuidado mais significativo surge na intersecção entre a ciência e a humanidade.

### José Peres

Enfermeiro; Vice presidente Social  
Generation ONG





# Voluntariado académico e formação em enfermagem: um percurso em construção.

No âmbito das comemorações do Dia Internacional do Enfermeiro, a edição especial de A Chama constitui um espaço particularmente simbólico para refletir sobre iniciativas que reforçam os valores humanistas, enquanto pilares da profissão de enfermagem. O percurso do Núcleo de Voluntariado da ESSCVP Lisboa, tem vindo a afirmar-se como um espaço privilegiado de participação, cidadania e aprendizagem significativa para os estudantes. Contribuir para esta edição sublinha o papel relevante do voluntariado académico na formação dos nossos futuros profissionais de saúde.

A ação do Núcleo inspira-se pelos/ nos princípios humanitários promovidos pela Cruz Vermelha Portuguesa, particularmente pelo valor do voluntariado enquanto expressão concreta de solidariedade, compromisso cívico e responsabilidade social. Este princípio, central na missão da Cruz Vermelha, encontra uma forte ressonância na enfermagem, profissão historicamente associada ao cuidado, à proximidade e à defesa da dignidade humana. Integrar esta perspetiva na formação dos estudantes permite reforçar uma cultura de cuidado que ultrapassa a dimensão estritamente técnica ou clínica, promovendo uma abordagem ampla e socialmente comprometida da prática profissional.

O percurso desenvolvido pelo Núcleo de Voluntariado tem sido igualmente marcado por um consistente esforço de consolidação organizacional, do qual se destaca a formalização do Gabinete de Apoio ao Voluntariado (GAV). Este gabinete veio estruturar e regular a participação dos estudantes nas atividades de voluntariado, bem como apoiar a disponibilização do Cartão do Voluntário em formato digital. Este processo de formalização representa um passo importante para a sustentabilidade e continuidade do projeto, permitindo enquadrar institucionalmente o voluntariado académico e reforçar o seu reconhecimento no contexto formativo.

Paralelamente, o Núcleo tem procurado articular a sua ação com os diversos projetos de extensão à comunidade promovidos pela escola, reforçando a ligação entre a formação académica e as necessidades concretas das populações. Esta colaboração tem permitido desenvolver iniciativas que aproximam os estudantes de contextos reais de intervenção, promovendo simultaneamente aprendizagem, responsabilidade social e compromisso comunitário.

Entre as iniciativas dinamizadas destacam-se campanhas solidárias de recolha de bens, ações de sensibilização e atividades comunitárias desenvolvidas em parceria com diferentes estruturas da escola, como a Comissão Académica e a Associação de Estudantes, bem como com parceiros institucionais e comunitários. Neste percurso, assumem particular relevância projetos como o SBV Solidário – Vai à Escola, que procura sensibilizar crianças e jovens para a importância do suporte básico de vida, promovendo literacia em saúde e capacitação da comunidade.

Também a Gincana Solidária, organizada no âmbito do Dia das Boas Ações, constitui um exemplo da capacidade mobilizadora do Núcleo, reunindo estudantes em torno de desafios colaborativos associados à solidariedade e ao apoio a causas sociais. Para além do impacto direto das ações desenvolvidas, estas iniciativas promovem o desenvolvimento de competências transversais fundamentais à prática profissional, como o trabalho em equipa, a comunicação, a empatia e a capacidade de mobilização comunitária.

O impacto do Núcleo de Voluntariado na formação dos estudantes revela-se, assim, particularmente significativo. Ao proporcionar experiências de contacto direto com diversas realidades sociais, contribui para a construção de uma identidade profissional mais crítica, sensível e comprometida com os determinantes sociais da saúde. O percurso desenvolvido enriquece o trajeto formativo dos estudantes, reforça os valores que sustentam a prática da enfermagem e pode assumir-se como um elemento diferenciador na formação em enfermagem.

Ao promover experiências de cidadania ativa e de intervenção comunitária, a escola contribui para formar profissionais tecnicamente competentes, mas também socialmente conscientes e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e solidária — valores que se encontram no cerne da profissão e que ganham especial significado quando celebramos o Dia Internacional do Enfermeiro.

### **Dulce Oliveira**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem

### **Sofia Militar**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem



# A Voz dos Estudantes

Os nossos enfermeiros,  
o nosso futuro: o valor dos cuidados  
de enfermagem.

Enquanto Presidente da Associação de Estudantes da Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa – Lisboa, sinto um orgulho enorme em poder partilhar algumas reflexões neste Dia Internacional do Enfermeiro.

O mote deste ano – “Os nossos enfermeiros, o nosso futuro: o valor dos cuidados de enfermagem” – toca-me profundamente. Porque nós, os estudantes de hoje, somos esse futuro que se está a construir agora. E para que esse futuro seja forte, é essencial que a nossa voz seja ouvida dentro da Escola.

A Associação de Estudantes existe precisamente para isso: para ser a ponte entre os alunos e a instituição. Não é apenas um órgão formal. É o espaço onde podemos expressar as nossas dúvidas, ideias, preocupações e sonhos. É onde lutamos por uma formação melhor, por condições mais justas e por momentos que nos unem enquanto comunidade.

**Ao longo destes anos, tenho visto de perto o quanto a representatividade faz a diferença. Quando organizamos atividades, ações de integração para os caloiros, atividades de voluntariado ou simplesmente momentos de convívio, não estamos só a “fazer eventos”. Estamos a criar laços, a desenvolver competências de liderança e a reforçar os valores que nos trouxeram para a Enfermagem: a humanidade, a solidariedade e o cuidado genuíno pelo outro.**

Na ESSCVP Lisboa, com a sua longa história de formação em saúde e o espírito humanista da Cruz Vermelha, a Associação de Estudantes tem sido uma presença ativa. Trabalhamos lado a lado com a Direção da Escola, levamos as vozes dos estudantes para as reuniões e procuramos ser parte da solução em tudo o que diz respeito à nossa vida académica.

Ser estudante de Enfermagem aqui vai muito além das aulas e estágios. É aprender a cuidar com o coração, com responsabilidade e com consciência social. E a AE ajuda-nos a crescer também nessa dimensão humana: ensina-nos a dar voz a quem ainda está a aprender, a defender os nossos colegas e a construir juntos um ambiente onde todos se sintam acolhidos.

Neste dia tão especial, quero deixar uma mensagem simples, mas sincera: os estudantes não são apenas o futuro da Enfermagem. Somos já parte ativa do presente. Quando a nossa voz é valorizada dentro da Escola, formamos enfermeiros mais conscientes, mais unidos e mais preparados para responder aos desafios que a sociedade nos coloca.

Como Presidente da Associação de Estudantes, comprometo-me a continuar a trabalhar para que essa voz nunca se cale. Porque quanto mais fortes formos enquanto comunidade estudantil, mais humanos e mais impactantes serão os cuidados que prestamos amanhã.

Obrigada por esta oportunidade de partilhar. Que este Dia Internacional do Enfermeiro nos inspire a todos a valorizar, cada vez mais, o que realmente importa: as pessoas que cuidam de outras pessoas.

**Joana Neves**

Presidente da Associação de Estudantes





# Cruzituna: tradição académica como espaço de união, aprendizagem e serviço.

## A Cruzituna e a sua génese.

Em 2004, num momento particularmente significativo para a comunidade académica da Cruz Vermelha, nasceu a Cruzituna. A sua fundação resultou da iniciativa de cinco alunos do curso de Enfermagem, então a frequentar o terceiro ano, que reconheceram, na tradição académica, uma ferramenta privilegiada de união, identidade e compromisso social. Mais do que criar uma tuna universitária, procuramos responder a uma necessidade concreta da academia: aproximar pessoas, cursos e vivências distintas, através da cultura e da música.

A criação da Cruzituna coincidiu com uma fase de expansão da comunidade académica da Cruz Vermelha, marcada pela integração dos cursos de Cardiopneumologia, Fisioterapia e Radiologia. Este alargamento trouxe diversidade e novas perspectivas, mas também o desafio de construir uma identidade comum. Tornou-se imperioso criar espaços de encontro que promovessem a coesão e reduzissem diferenças entre cursos.

A tuna surgiu, desde a sua génese, como um projeto agregador, capaz de criar pontes e reforçar o sentimento de pertença à comunidade escolar.

Importa sublinhar que muitos dos alunos que foram integrar a Cruzituna possuíam pouca ou nenhuma experiência musical prévia. Alguns elementos tinham tido contacto com a tradição tunante através da Tuna de Enfermagem de Lisboa, nossa tuna madrinha, cujo apoio e exemplo foram determinantes nos primeiros passos. No entanto, grande parte do percurso da Cruzituna foi construída com base no esforço coletivo e na aprendizagem contínua.

Os seus elementos tornaram-se autênticos autodidatas: aprenderam a tocar instrumentos, a colocar a voz e a trabalhar a expressão corporal através da prática, da partilha de conhecimentos e da persistência. Este processo de aprendizagem informal foi, desde cedo, um dos maiores trunfos da tuna. Mais do que formar músicos, a Cruzituna formou estudantes resilientes, capazes de aprender em conjunto, de errar e de evoluir, refletindo os valores do voluntariado e do espírito de missão que caracteriza a Cruz Vermelha.

Inspiramo-nos nos princípios fundamentais da Cruz Vermelha Portuguesa — Humanidade, Imparcialidade, Neutralidade, Independência, Voluntariado, Unidade e Universalidade — e integrá-los na vivência académica. A música tornou-se uma linguagem comum, acessível a todos, independentemente da formação ou experiência inicial. A tuna afirmou-se como um espaço onde a diferença era acolhida e transformada em força coletiva.

Ao longo dos anos, a Cruzituna acompanhou a evolução da comunidade escolar e das gerações que a integram, mantendo-se fiel à sua matriz ética e cultural. Cada novo elemento passou a herdar, não apenas um repertório ou um traje, mas um compromisso com a união da comunidade académica e com a representação digna da instituição. A participação em iniciativas culturais e solidárias refletiu sempre essa consciência de responsabilidade social.

**Hoje, a Cruzituna é testemunho de que a tradição académica pode ser simultaneamente inclusiva, formativa e socialmente relevante. Num contexto universitário cada vez mais diverso, continua a demonstrar que a cultura e a música são instrumentos eficazes de integração, capazes de criar identidade comum e laços duradouros.**

Este texto não pretende revisitar o passado por nostalgia, mas reafirmar uma visão. A Cruzituna nasceu da vontade de unir, de aprender e de servir. Enquanto houver estudantes dispostos a crescer em conjunto, com espírito humanitário e sentido de missão, a tradição académica continuará viva, como expressão dinâmica de uma comunidade que se constrói na partilha e na solidariedade.

**Maria Inês “Burguesa” dos Santos Rocha**

Ex-Fundadora e Magister da Cruzituna

# A atualidade da Cruzituna

Neste Dia do Enfermeiro, é de extrema importância ressaltar a presença clara que vários destes já tiveram na nossa tuna académica. Embora a Cruzituna se identifique como uma tuna mista, sem distinção de cursos, a maioria dos seus integrantes é do curso de Enfermagem.

A Cruzituna é um sítio muito especial onde estas pessoas, que hoje têm como prioridade salvar vidas, um dia já deram gargalhadas e formaram o seu caráter, um sítio que posso confirmar trazer muito bons momentos, onde nos divertimos, onde as nossas crianças interiores têm um lugar de conforto e onde implementamos regras às mesmas.

Devido ao ingresso reduzido de novos membros e à transição contínua da vida académica para a vida profissional de antigos integrantes, a Cruzituna nem sempre foi um papel fácil para quem assumiu um papel de responsabilidade na mesma.

Não obstante, contamos com vários planos, desde atuações para diversos públicos até à mais recente implementação de ações solidárias, orgulhando o nosso papel como membros ativos da Cruz Vermelha Portuguesa. Mais do que estes planos que vos descrevo, o nosso maior desejo para a Cruzituna é o de que os próximos membros sintam aquilo que nós sentimos, sintam a amizade que nos uniu nos primeiros tempos e que nos proporcionou a nós a maior bênção que podemos ter enquanto nos encontramos nas nossas licenciaturas:

**Conhecer pessoas com quem possamos partilhar os bons momentos, mesmo depois de acabarmos as mesmas...**



Acresce ainda que a Cruzituna representa não apenas um espaço de convívio e expressão artística, mas também um reflexo dos valores que levamos connosco para a prática profissional, como o espírito de equipa, a empatia e a resiliência. São estes mesmos valores que, de forma subtil mas consistente, continuam a ser cultivados em cada ensaio, em cada atuação e em cada momento partilhado, perpetuando assim a essência daquilo que significa pertencer a esta casa.

**David Gil**

Presidente da Cruzituna

# O poder económico do cuidado, empoderamento e capacitação do enfermeiro.

## Visão do estudante de enfermagem.

Na sociedade contemporânea, o ato de cuidar ultrapassa a dimensão individual, assumindo-se como um pilar social e como um recurso económico essencial. Como estudantes de enfermagem e membros da comissão académica de praxe, observamos que a formação, as vivências académicas e o reconhecimento institucional são determinantes para transformar o cuidado em força motriz de bem-estar, emprego e eficiência nos serviços de saúde.

Esta reflexão mostra como o empoderamento e a capacitação dos enfermeiros, desde a vida universitária, potenciam melhores resultados para utentes e valorização da profissão.

O cuidado é, há muito, o coração da enfermagem. Para além do valor humano e social, o ato de cuidar tem um indiscutível poder económico, pois traduz-se em tempo, competência e confiança que sustentam sistemas de saúde, geram emprego e promovem bem-estar que se converte em produtividade.

Vemos a enfermagem não só com vocação, mas também como motor económico cuja força aumenta quando os profissionais estão empoderados e capacitados.

A vida académica molda a nossa aprendizagem de forma singular. Para além das aulas e dos Ensinos Clínicos, com a participação em atividades estudantis e mesmo na praxe, desenvolvemos competências essenciais, tais como, liderança, gestão de conflitos, trabalho em equipa, comunicação e pensamento crítico.

A integração entre teoria e prática e a participação em decisões curriculares fortalecem a formação e preparam-nos para intervir com autonomia e responsabilidade.



**O empoderamento do enfermeiro passa pelo reconhecimento da autonomia clínica, pelo acesso a formação contínua e por condições laborais dignas.**

**Capacitar é investir em saber técnico e em competências transversais**

Enquanto membros da comissão de praxe, experienciamos como estas vivências ensinam a negociar, planejar e lutar por recursos, habilidades que terão impacto no exercício profissional e no peso económico da enfermagem..

Quando a formação académica estimula o pensamento crítico e cria espaços de responsabilização, os futuros profissionais sentem-se confiantes para propor melhorias e contribuir para a eficiência e qualidade dos cuidados.

A praxe, quando orientada por princípios éticos e educativos, pode ser espaço de integração, solidariedade e de crescimento pessoal. Investir na capacitação dos estudantes é investir no futuro da enfermagem.

O cuidado, quando valorizado e fortalecido, transforma-se num motor de desenvolvimento pessoal e económico, beneficiando não só a profissão, mas toda a comunidade.

Nós, estudantes, somos aprendizes e promotores de mudança, a enfermagem só alcança o seu potencial quando o cuidado for empoderado e capacitado.

**Estudantes** do 41.º Curso de Licenciatura em Enfermagem



# O significado da lona negra

Nas cidades universitárias lusitanas, o balançar da capa negra sob o vento evoca, no imaginário coletivo, um misto de sentimentos: um romanticismo e seriedade. Porém, nos dias que correm, o traje académico tem sido, com certa consistência, alvo de uma visão redutora, sendo confundido com os excessos da praxe ou criticado por ser algo elitista.

Requer, pois, realizar uma defesa esclarecida deste vestuário, explorando a sua origem, a sua importância e o seu simbolismo, tanto no seio das tradições como para lá destas.

Quanto à génese do traje, é imprescindível recuar no tempo uma vez que o mesmo é herdeiro das roupas clericais e monásticas das primeiras faculdades, onde este evoluiu, não como uma roupa de exclusão, mas, curiosamente, como um manto de equidade.

O preto não tem um propósito fúnebre, mas sim uma premissa democrática, pois, ao cobrir os estudantes com o mesmo tecido, este aniquila visualmente as desigualdades socioeconómicas. Sob o peso desta lona, o filho do humilde e o filho do abastado tornam-se indistinguíveis.

O negro absorve a ostentação e cala a vaidade material, estabelecendo então uma fraternidade e recordando ao estudante que, na faculdade, a única hierarquia válida deverá ser a do carácter e a do mérito.

No contexto da praxe, aqui entendida como um rito de passagem e integração, o traje assume a função de uma “pele” cerimonial, sendo um selo distintivo de quem já passou pelos caminhos da iniciação e alcançou a maturidade académica.

Dentro desta, vestir o traje exige seguir um código de conduta rigoroso, não se tratando de uma peça de vestuário casual, e requerendo, pois, uma postura e um respeito cívico. Porém, é aqui que se origina o maior equívoco: a premissa de que a praxe encerra em si a jurisdição exclusiva sobre o uso do traje.

É importante deixar claro que o traje pertence ao estudante e à academia, na sua totalidade. O uso do traje fora da praxe não é apenas legítimo, como é a maior expressão do orgulho institucional.

Vestir o negro na Queima das Fitas ou na defesa de uma tese é reclamar o seu lugar numa linhagem de humanistas e pensadores. Nestes momentos, o mesmo torna-se quase como um traje de gala, representando o amor pelo conhecimento e a celebração de um ciclo de vida que, embora efêmero, é eterno no seu percurso formativo.

Defender o traje académico é defender um património cultural de incalculável valor. É neste que se entrelaçam as lágrimas resultantes do árduo caminho e das despedidas, as nódoas das celebrações e a esperança de um futuro promissor.

A capa rasgada conta a história das batalhas académicas e das serenatas cantadas na quietude da noite. Nas abas interiores, os emblemas cosidos mapeiam as origens, os afetos e as convicções do estudante, construindo quase como uma biografia têxtil que é única para cada indivíduo.

Seja vestido num tribunal de praxe ou num abraço emocionado no dia da bênção das pastas, a capa negra continua a ser o abraço quente que acolhe todos por igual...

### **Gonçalo Caseiro**

Comissão Académica





# Da escola ao mundo do trabalho.

## o empoderamento do estudante finalista de enfermagem.

Da escola ao mundo do trabalho: o empoderamento do estudante finalista de enfermagem. Ser finalista de enfermagem é viver um tempo de transição exigente e significativo, onde o conhecimento adquirido ao longo do percurso académico ganha significado prático e humano. Revela-se fundamental, nesta fase, a consolidação da aprendizagem teórica e aplicação em contexto real, não apenas como preparação para o exercício profissional, mas como base para a construção de uma identidade ética, crítica e moral.

Ao longo desta etapa, somos desafiados a ir além da aquisição de competências técnicas. É através da experiência nos Ensinos Clínicos que aprendemos a focalizar de imediato aquilo que é relevante na situação e a retirar o seu significado. Aprendemos também a refletir, a questionar, a tomar decisões fundamentadas e a assumir, de forma progressiva, um papel ativo no processo de cuidar. Este crescimento não acontece de forma linear: é um percurso com base na articulação entre a teoria e a prática.

O empoderamento revela-se no reconhecimento do nosso valor enquanto futuras enfermeiras, bem como na compreensão da importância da capacidade de adaptação e do espírito de cooperação. É a confiança que se desenvolve ao enfrentar situações reais, a coragem para assumir responsabilidades e a consciência de que o cuidado prestado tem impacto direto na vida das pessoas.

Na prática clínica, este processo torna-se particularmente evidente, permitindo integrar os pilares essenciais de enfermagem, o saber-ser, o saber-estar e o saber-fazer.

Ao concluir este percurso, reconhecemos que as nossas ações e decisões assumem um papel determinante na construção do futuro da enfermagem. Num contexto de constante evolução social e de crescentes desafios em saúde, torna-se essencial afirmarmo-nos como agentes de transformação, promovendo a humanização e a melhoria contínua dos cuidados.

Na ESS CVP iniciámos este percurso, mas é para além dela que lhe damos continuidade. É um caminho contínuo, sustentado pela aprendizagem ao longo da vida, pela reflexão crítica e pelo compromisso com a profissão.

Mais do que adquirir conhecimentos, ser estudante de enfermagem é prepararmo-nos para cuidar com competência, sensibilidade e responsabilidade.

A transição entre o fim de uma etapa e o que a sucede não representa apenas um novo início, mas uma continuidade de um processo de crescimento pessoal e profissional, onde cada um é convidado a contribuir, de forma ativa e consciente, para um futuro mais digno, humano e inovador na enfermagem.

**Maria Teresa Ferreira e Mariana Ramalho**

Estudante Finalistas do curso de Licenciatura em Enfermagem



# Eu, professora, me confesso

Ora, acontece que, a propósito da comemoração do Dia Internacional do Enfermeiro de 2026 na ESSCVP Lisboa, este artigo integra um número especial que assinala e convoca a memória como construção coletiva.

Duas colegas, a Dulce Oliveira e a Sofia Militar tiveram a ideia de reacender “A Chama”. Eu fui procurar exemplares antigos, porque, antes de escrever, precisava de sentir e de saber. Queria escrever uma opinião. Acabei por me confessar.

Pedi exemplares antigos e, no primeiro que li, deparei-me com um título chamativo. Fiquei retida num texto confessional, ilustrado por uma imagem a preto e branco. Só no fim soube quem o assinava: a Professora Conceição Pereira Henriques, assistente do 1.º triénio em 2001. A qualidade da escrita e a capacidade de sentir tornaram o encontro ainda mais nítido. Nesse círculo virtuoso, onde uma ação positiva estimula outra, pedi o título emprestado para eu, professora, me confessar também.

Mas uma memória viva não nos deixa ficar no passado. Em 2026, sob o mote “Our Nurses. Our Future. Empowered Nurses Save Lives”, percebe-se que enfermeiros capacitados salvam vidas. Como professores, o nosso interesse em encontrar as melhores práticas pedagógicas é enorme.

**Estamos perante desafios contemporâneos significativos.**

**Vivemos entre avanços tecnológicos, saúde digital, maior complexidade dos cuidados, escassez de profissionais, mudanças demográficas e conflitos que não cessam (da invasão da Ucrânia em 2022 ao caos no Médio Oriente em 2026). Passámos por uma pandemia iniciada no final de 2019 que mudou tudo.**

**E, entretanto, a Inteligência Artificial (IA), entrou num boom com a rapidez dos protagonistas inesperados.**

Entre o legado e a vanguarda generativa e tecnológica, também o ensino atravessa uma mudança profunda. A IA não substitui o mestre, mas, quando bem usada, expande-o como um copiloto pedagógico através de tutorias 24/7, capaz de alargar o treino do raciocínio clínico. Mas o essencial mantém-se: ensinar o estudante a questionar o algoritmo, não apenas a segui-lo. Também a simulação mudou de escala, dos manequins estáticos passamos a pessoas virtuais animadas com grandes modelos de linguagem. Se outrora o desafio era o acesso à informação, agora é discerni-la, ter literacia digital e curadoria ética.

À semelhança de “A Chama”, também as grandes referências pedagógicas evoluem para responder aos desafios do tempo. Inspiro-me na atualização do pensamento de Patricia Benner (Jornal Expresso, num artigo do final de 2025). O compromisso pedagógico continua a ser a formação da identidade profissional. A missão é sustentar o processo no qual o aluno se transforma.

E aqui voltou ao eu, ao eu, que ensino. À medida que os cuidados se tornam mais avançados tecnologicamente e mais exigentes, os estudantes precisam de estar equipados com conhecimento teórico, mas com as competências práticas, a resiliência emocional e a competência cultural necessárias para prosperar em ambientes complexos. A nossa confissão hoje é esta: para salvar vidas, precisamos de enfermeiros que dominem a tecnologia sem perder a capacidade de compreender o humano.

É também por isso que a memória importa. Num tempo de repetição de violência, a memória não é neutra. Dar-lhe lugar é interromper a realidade para afirmar os direitos humanos e a dignidade. Na escola, não formamos apenas profissionais competentes; formamos pessoas eticamente comprometidas.

Salvar vidas é a expressão mais visível da enfermagem, mas o nosso impacto estende-se muito além do momento imediato.

Por isso, a imagem, que não é minha, não surge à margem deste texto: prolonga-o. Parte da imagem original de 2001, que ilustrava o texto confessional da Professora Conceição Pereira Henriques, um caminho ladeado por árvores, imerso numa luz profunda.

**Pedi à IA que a reinterpretasse à luz do tempo. Manteve-se o trilho original, porque continuo a vê-lo como a jornada que prossegue, mesmo quando o cenário muda.**

**A luz de então, analógica e poética, tornou-se prismática e digital.**

**No centro desta metamorfose surgem a Lâmpada de Florence e o símbolo da ESSCVP Lisboa (elementos que fiz questão de incluir).**

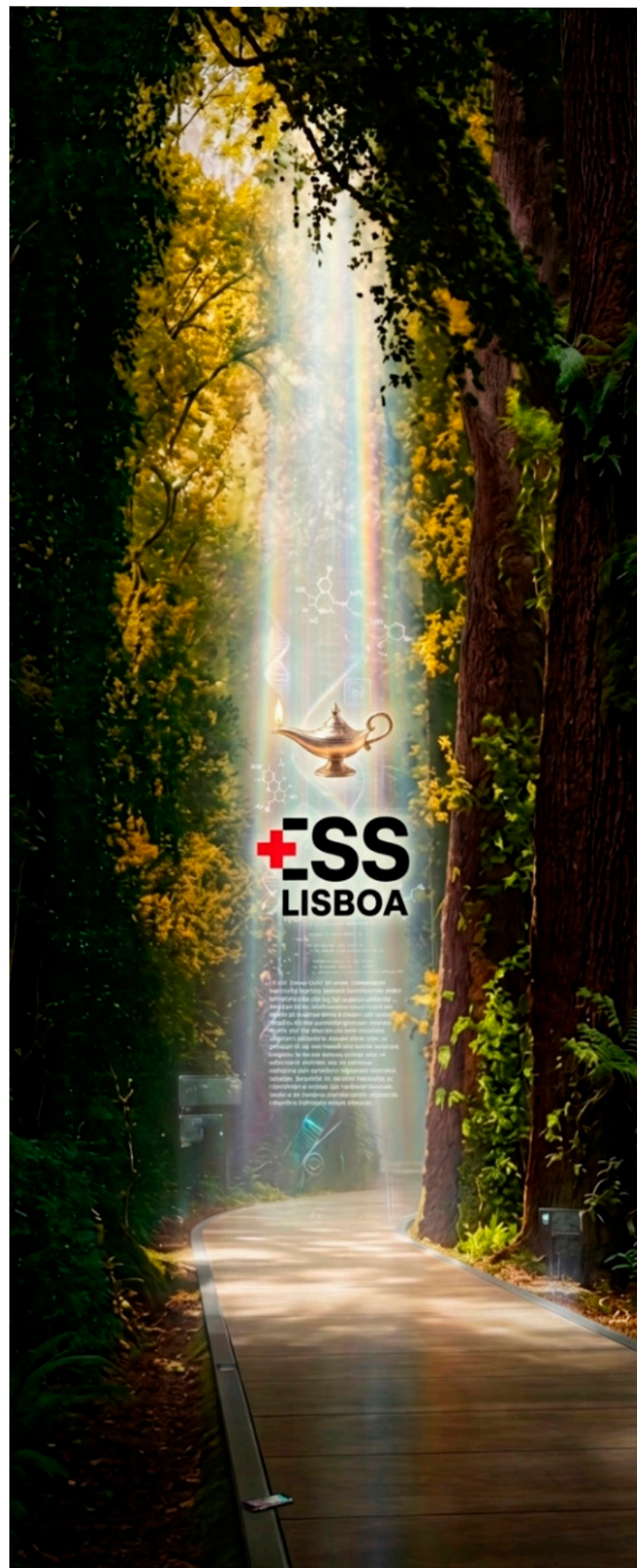
**À volta, dados e hologramas insinuam o raciocínio aumentado.**

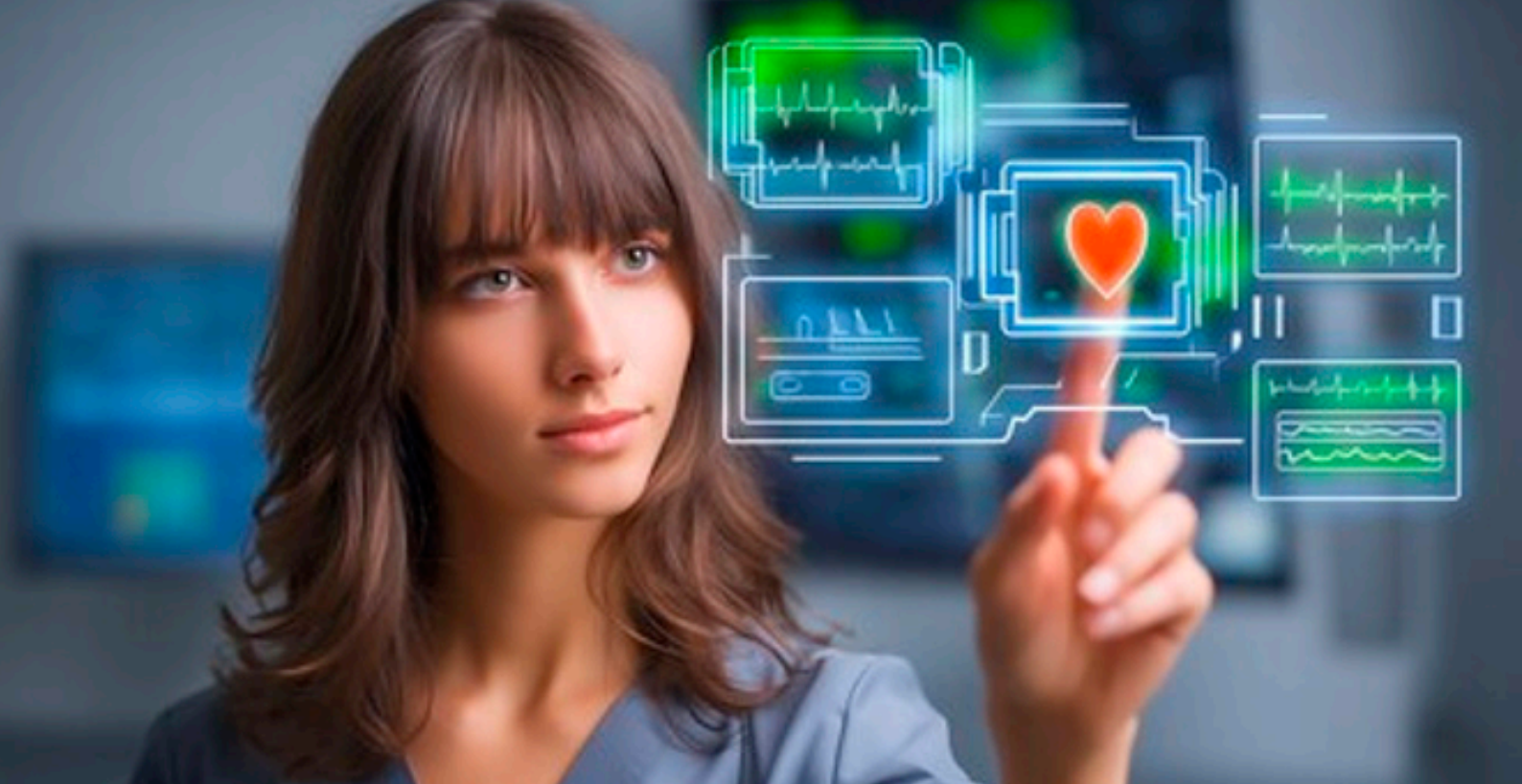
E, no chão, ficou um smartphone, não como centro das atenções, mas como ferramenta. Que a tecnologia nos sirva de chão, e não de cárcere; que nos liberte do ecrã, para estarmos, de olhar e mãos livres, connosco e com os outros.

Continuemos!

**Maria do Céu Pires**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem





## Ensino em Enfermagem: do passado ao futuro - a simulação.

Há profissões que existem antes de terem nome. A Enfermagem é uma delas.

Muito antes de existirem escolas, currículos ou diplomas, havia pessoas, na sua maioria, “mulheres”, sobretudo religiosas, que cuidavam dos doentes nos hospitais medievais da Europa. Em Itália, França, Espanha ou Inglaterra, esse cuidado nasceu da compaixão e da fé, e não da ciência. Era um cuidado empírico, instintivo, profundamente humano. Mas não era, ainda, uma profissão.

A profissionalização da Enfermagem só viria a acontecer em meados do século XIX, devendo-se isso a uma mulher que recusou aceitar o caos como inevitável. Florence Nightingale não inventou o cuidado, mas proporcionou-lhe estrutura, rigor e dignidade. No Reino Unido, sob a sua influência, a Enfermagem começou a ser pensada como disciplina, com formação própria e princípios de natureza científica. Foi um ponto de viragem que ecoou por toda a Europa.

Em Portugal, esse eco chegou também, ainda que a um ritmo próprio. A criação da Escola Profissional de Enfermagem do Hospital de São José, por Curry Cabral, aconteceu em 1907 e marcou o início de uma tentativa de organizar o que até então era transmitido informalmente. O modelo adotado foi essencialmente prático; aprendia-se fazendo, dentro dos hospitais, ao lado de quem já sabia. Era o que havia. E, para a época, era já um passo significativo.

Ao longo do século XX, outras escolas foram surgindo, integradas nos principais hospitais do país. Mas há um momento que merece ser sublinhado: a criação da Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha Portuguesa, em 1917. Mais do que uma nova instituição, representou uma abertura ao exterior, uma vontade de aprender com o mundo e de elevar os padrões de formação.

Foi um sinal claro de que a Enfermagem portuguesa queria mais do que sobreviver; queria evoluir.

E evoluiu. A integração no ensino superior foi o passo que faltava para consolidar aquilo que se vinha construindo há décadas: o reconhecimento de que cuidar de pessoas exige não apenas técnica, mas também conhecimento científico, pensamento crítico e capacidade de reflexão. Que um enfermeiro não é apenas alguém que executa, é alguém que pensa, que decide, que é responsável.

Este percurso não foi linear, nem fácil. Foi pautado por avanços lentos, de resistências, de contextos políticos e sociais que nem sempre favoreceram a mudança. Mas foi feito. Conhecer este percurso é essencial para perceber onde estamos hoje e para onde queremos ir.

Durante décadas, aprender Enfermagem significava, acima de tudo, estar lá. Nos corredores dos hospitais, ao lado de profissionais mais experientes, a aprender observando, imitando, tentando. Era uma formação forjada na prática, com tudo o que isso tem de bom, e também de preocupante. Porque expor estudantes, ainda em formação, a situações clínicas complexas sem a preparação adequada nunca foi verdadeiramente inofensivo. Nem para eles, nem para as pessoas doentes.

A integração da Enfermagem no ensino superior veio mudar essa lógica. Trouxe rigor científico, pensamento crítico, currículos estruturados. Mas trouxe também uma questão que continua atual: como preparar estudantes para a realidade clínica sem os lançar para os contextos antes de estarem prontos?

A resposta, cada vez mais, passa pela simulação clínica. Num ambiente simulado, o estudante pode errar. E esta afirmação, que pode parecer simples, na verdade é revolucionária. No contexto real, o erro tem consequências e é precisamente esse peso que paralisa, que inibe, que impede a aprendizagem genuína. Na simulação, o erro é parte do processo. Age-se, falha-se, reflete-se e tenta-se de novo. É assim que se constroem profissionais seguros e conscientes das suas próprias limitações.

Mas reduzir a simulação ao treino de procedimentos técnicos seria subestimá-la. O que a simulação verdadeiramente oferece é um espaço para desenvolver aquilo que não se aprende nos manuais: a capacidade de comunicar de forma efetiva, de trabalhar em equipa, de liderar numa situação de crise e/ou complexa, de tomar decisões difíceis com informação incompleta. Competências que fazem toda a diferença para a construção da identidade profissional, para a prestação direta de cuidados em diferentes contextos, ou até numa simples conversa com um doente em situação de vulnerabilidade e incerteza. O futuro aponta para uma simulação ainda mais sofisticada.

A realidade virtual e a inteligência artificial prometem cenários personalizados, adaptados ao ritmo e às necessidades de cada estudante. Não é uma promessa distante, é uma transformação que já começou.

Mas há algo que nenhuma tecnologia irá substituir. A intenção por detrás desta evolução. A simulação clínica não é apenas uma inovação pedagógica. É uma declaração de valores. Diz que a segurança do doente começa antes de o estudante entrar numa enfermaria. Que formar bem é também uma forma de cuidar.

E isso, em Enfermagem, nunca foi pouco.

**Inês Bento** Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem

**Maria Carolina Ferreira** Professora Convidada da Área de Ensino de Enfermagem

# Olhar para o passado, projetando o futuro

## Qual o papel da enfermagem quando comecei a trabalhar?

Revisitar a enfermagem de há 42 anos transporta-me para a nostalgia das memórias de uma jovem entusiasmada pela profissão, movida pela ambição de transformar a prática, até então com um peso relevante no “papel da enfermeira auxiliar do médico”, para uma enfermagem de intervenções autónomas, responsáveis, planeadas, próprias de uma profissão com funções distintas.

No início da década de 80, do século XX, iniciava o meu percurso profissional fora da minha terra natal que me levou a cidades e vilas de Sul a Norte do País.

Finda a formação académica já marcada por uma visão de promoção da saúde programas de saúde comunitários, fruto do recém-criado Serviço Nacional de Saúde (SNS), em 1979, a enfermagem ganhava o seu espaço para fora do hospital.

Porém, decorrente da origem ancestral da instituição hospitalar, mantinha-se uma forte influência do modelo biomédico, centrado na prescrição e delegação clínica, ficando o cuidar em enfermagem como um conceito oculto, muitas vezes confundido com caridade, comiseração ou boa vontade.

Era esta a minha inquietação: como vou explicar, fundamentar e demonstrar na prática a essência da enfermagem?

Ou seja, o que é o cuidar da pessoa e não apenas o tratar da dor, da ferida, do administrar uma injeção ou do informar sobre um procedimento a realizar em casa, ..., e tantos outros exemplos, onde os atos do cuidar não tinham visibilidade nem reconhecimento enquanto intervenção.





**Um caminho marcado por percalços, insucessos, frustrações e quedas, e por sucessivos recomeços, suportados no estudo, na reflexão, na discussão e na partilha, até compreender verdadeiramente o que é Ser Enfermeira.**

Contrariamente ao que tinha pensado, logo no meu primeiro emprego senti a falta da existência do processo de enfermagem, cuja metodologia me permitia diagnosticar, antever e responder às necessidades da pessoa assistida, mas também transmitir e uniformizar os cuidados na equipa de saúde.

Apesar de alguns sorrisos condescendentes dos colegas para com aquela jovem inexperiente que “precisava de papel” para fazer o seu trabalho, vieram mais tarde a reconhecer a utilidade deste instrumento para a melhoria da prática, fundamentação das decisões de enfermagem e, sobretudo, para o bem-estar e satisfação de quem se cuida.

Este foi o meu primeiro “tijolo” na construção de uma estrutura que pretendia ser o sustentáculo da resposta que procurava.

Só não sabia que ainda hoje, perto da meta da minha carreira profissional, e após tantas conquistas sobre as funções e competências de enfermagem, continuo a ter de argumentar em diversas dimensões da sociedade, desde a formação, à população, aos media, até (o que me espanta!) ao próprio setor da saúde, o que distingue a nossa profissão das demais.

Fica o legado para as gerações atuais e as vindouras, na senda do progresso do valor único da Enfermagem.

**Graça Moraes Rocha**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem

# Olhar para o passado, projetando o futuro

## como projeto a enfermagem em 2035?

A enfermagem, pilar essencial dos sistemas de saúde, tem passado por uma transformação profunda ao longo do tempo, acompanhando avanços científicos, sociais e tecnológicos.

De práticas empíricas e informais, baseadas no cuidado intuitivo e frequentemente associadas a contextos religiosos, evoluiu para uma profissão científica, estruturada e orientada por evidências. A profissionalização iniciada no século XIX marcou o início de uma nova era, centrada na formação, na ética e na melhoria contínua da qualidade dos cuidados.



Atualmente, a enfermagem caracteriza-se por um elevado nível de qualificação e integração tecnológica. O uso de registos eletrónicos, teleconsulta e dispositivos de monitorização permite otimizar a tomada de decisão clínica e melhorar os resultados em saúde.

**Apesar destes avanços, persistem desafios significativos, incluindo o burnout profissional, a migração internacional de enfermeiros e a necessidade de adaptação contínua às novas competências digitais.**

**A saúde mental dos profissionais e as condições de trabalho são fatores críticos para a retenção e sustentabilidade da força de trabalho.**

Globalmente, a força de trabalho em enfermagem atingiu cerca de 29,8 milhões de profissionais em 2023, refletindo um crescimento significativo, embora persistam desigualdades marcantes na sua distribuição, com a maioria concentrada em regiões que representam uma menor proporção da população mundial. Estas disparidades comprometem o acesso equitativo aos cuidados e constituem um desafio central para os sistemas de saúde.

Paralelamente, a integração da inteligência artificial (IA) e de outras tecnologias digitais está a redefinir a prática profissional. Sistemas de apoio à decisão clínica, análise preditiva e monitorização remota permitem intervenções mais precoces e personalizadas, aumentando a eficiência e a segurança dos cuidados. A automatização de tarefas administrativas contribui para libertar tempo dos enfermeiros, reforçando o foco na relação terapêutica e no cuidado centrado na pessoa.

O futuro da enfermagem aponta para um modelo de cuidados cada vez mais proativo, integrado e baseado em valor. A previsão é de uma maior utilização de tecnologias como IA, robótica e telemonitorização, permitindo cuidados personalizados e acessíveis, inclusive em contextos remotos. No entanto, esta evolução levanta questões éticas relevantes, nomeadamente relacionadas com a privacidade dos dados, o viés algorítmico e a preservação da dimensão humana do cuidado.

Em síntese, a enfermagem encontra-se numa fase de transição estratégica, em que a inovação tecnológica deve ser equilibrada com os valores fundamentais da profissão. Investir na formação, na equidade e na liderança em enfermagem será determinante para garantir sistemas de saúde mais resilientes, inclusivos e centrados nas necessidades das populações.

**José Vilelas**

Professor Coordenador da Área de Ensino de Enfermagem



## **Os nossos enfermeiros, o nosso futuro:** o valor dos cuidados de enfermagem.

Há profissões que se medem por indicadores, resultados ou números. A enfermagem mede-se, sobretudo, pelo impacto silencioso que tem na vida das pessoas.

Em cada hospital, centro de saúde, comunidade ou domicílio, são os enfermeiros que acompanham, cuidam, orientam e muitas vezes ajudam nos momentos mais difíceis das suas vidas. Falar de enfermagem é, por isso, falar de um pilar essencial dos sistemas de saúde e uma profissão a investir pela sustentabilidade dos sistemas de saúde.

Ao longo das últimas décadas, a enfermagem tem percorrido um caminho de desenvolvimento, afirmando-se progressivamente do ponto de vista científico e profissional.

Outrora vista como uma função de apoio a doentes e a outros profissionais, evoluiu para uma disciplina autónoma, alicerçada em conhecimento próprio, prática baseada na evidência e uma responsabilidade acrescida na tomada de decisão clínica.

Atualmente, os enfermeiros são profissionais altamente qualificados, com um papel central na promoção da saúde, na prevenção da doença, na gestão de situações complexas de cuidado e na melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Contudo, os desafios que marcam os sistemas de saúde tornam ainda mais evidente o valor da enfermagem.

O envelhecimento da população, o aumento das doenças crônicas, a complexidade crescente dos cuidados e as transformações tecnológicas exigem profissionais preparados para responder com competência técnica, pensamento crítico e sensibilidade humana.

Neste contexto, investir na formação em enfermagem é investir no futuro da saúde da população. Cabe à academia promover o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia e de uma prática competente e humanizada, enquanto os contextos clínicos desempenham um papel essencial na integração e orientação dos estudantes, contribuindo para a consolidação de competências.

**Valorizar a enfermagem é, por isso, valorizar o futuro da saúde.**

**Reconhecer o seu contributo, investir na sua formação e fortalecer a profissão, é garantir sistemas de saúde mais preparados, resilientes e humanizados.**

A qualidade deste processo influencia não só a aprendizagem, mas também a forma como os futuros enfermeiros se posicionam no cuidado à Pessoa.

Formar enfermeiros é, assim, preparar profissionais capazes de responder aos desafios atuais e às necessidades futuras da população.

O futuro da enfermagem será marcado pela inovação, pela investigação e pelo trabalho interdisciplinar, com a crescente incorporação de novas tecnologias e avanços científicos.

Não obstante, nenhuma transformação substituirá o elemento central da profissão: a relação humana que sustenta o cuidado. Cuidar é mais do que tratar — é estar presente, compreender e acompanhar a pessoa.

Quando a esperança se torna tênue, é o cuidado que permanece. E, na essência desse cuidado está a enfermagem, silenciosa, incansável e profundamente humana.

### **Rita Marques**

Professora Coordenadora da Área de Ensino de Enfermagem

### **Raquel Pereira**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem

# Entre a teoria e a prática:

## precisamos mesmo das teóricas de Enfermagem?

Recentemente, no decorrer de uma aula com alguns estudantes, veio à tona a importância das Teorias de Enfermagem na atualidade, o que nos levou a pensar no lugar que estas ocupam hoje na formação e no exercício da profissão. Afinal, até que ponto continuam a influenciar a forma como cuidamos?

**Se existe algo que une gerações de estudantes de enfermagem, é a inevitável convivência com as chamadas “teóricas de enfermagem”.**

**Mais cedo ou mais tarde, durante o percurso acadêmico, surgem nomes que rapidamente passam a fazer parte do vocabulário cotidiano dos estudantes: Henderson, Orem, Kolcaba, Roy, Watson, Kitson, entre muitas outras.**

**Aparecem nas aulas, nos trabalhos escritos, nas reflexões críticas e, não raras vezes, em longas noites de estudo antes de avaliações.**

Durante esse período, as teorias de enfermagem parecem ocupar um lugar importante na formação. Analisam-se conceitos, discutem-se modelos e procuram-se relações entre os referenciais teóricos e a prática clínica. Contudo, quando o estudante termina o curso e entra no mundo real dos serviços de saúde, surge frequentemente uma sensação curiosa: as “teóricas de enfermagem” parecem desaparecer quase tão rapidamente como apareceram.

Nos corredores dos serviços, dificilmente se ouve um enfermeiro dizer: “vou aplicar agora a Teoria do Conforto de Kolcaba” ou “esta intervenção está claramente alinhada com a Teoria do Autocuidado de Orem”. Na prática do dia a dia, dominada por ritmos intensos, gestão de prioridades e alguma inevitável correria, as teóricas raramente são mencionadas explicitamente.

Este fenômeno leva muitos profissionais a formular uma pergunta que surge com alguma frequência, especialmente entre recém-licenciados: **afinal, para que servem as Teorias de Enfermagem?**

Consideramos que talvez a resposta esteja menos na sua ausência e mais na forma como aprendemos a reconhecê-las.

# O mistério das teóricas desaparecidas

Para muitos enfermeiros, as teorias parecem pertencer sobretudo ao território académico. Estão presentes nos planos curriculares, nos artigos científicos e nos trabalhos de investigação, mas parece-nos manter uma certa distância em relação à prática clínica.

Esta perceção não é necessariamente surpreendente. Nos serviços de saúde, as prioridades tendem a centrar-se na gestão de situações clínicas complexas, na articulação com equipas interdisciplinares, na segurança dos cuidados e na resposta às necessidades imediatas das pessoas. Neste contexto, é natural que a linguagem utilizada seja mais pragmática do que conceptual. Poucos profissionais, no meio de uma manhã particularmente movimentada, terão tempo ou oportunidade para refletir explicitamente sobre o enquadramento teórico das suas decisões. A prática exige rapidez, capacidade de adaptação e uma atenção constante às necessidades do momento. Contudo, o facto de as teorias não serem frequentemente mencionadas não significa que tenham deixado de influenciar a prática.

Na verdade, pode argumentar-se que as teóricas não desapareceram. Tornaram-se simplesmente mais discretas.

## As teorias tornaram-se invisíveis? Irrelevantes?

Um dos fenómenos mais interessantes na evolução de qualquer disciplina é o momento em que determinados conceitos deixam de parecer inovadores porque se tornam parte integrante da prática. Algo semelhante aconteceu na Enfermagem. Muitas ideias inicialmente apresentadas pelas teóricas foram progressivamente incorporadas na cultura profissional, na formação e na organização dos cuidados.

Hoje, é praticamente consensual que os cuidados de enfermagem devem considerar a pessoa de forma holística, valorizando não apenas a dimensão física da doença, mas também os aspetos psicológicos, sociais e emocionais. Também é amplamente aceite que a pessoa deve ser incentivada a participar ativamente no seu próprio processo de saúde, promovendo a autonomia e o autocuidado.

Estes princípios parecem atualmente quase óbvios. Contudo, nem sempre foi assim. Muitos destes conceitos foram sistematizados e desenvolvidos por teóricas que procuraram definir com maior clareza a natureza do cuidado de enfermagem. Curiosamente, quando uma ideia se torna amplamente aceite, tende a perder visibilidade. Deixa de ser vista como uma teoria específica e passa a ser encarada como parte natural da prática profissional.

Parece-nos plausível que algo semelhante tenha acontecido com muitas Teorias de Enfermagem.

# Pequenos exemplos no dia a dia

Para perceber melhor esta questão, basta observar algumas situações comuns na prática clínica. Quando um enfermeiro incentiva um doente a realizar sozinho determinadas atividades de autocuidado, está a promover autonomia e independência funcional. Quando dedica tempo a estabelecer uma relação terapêutica baseada na escuta ativa e na confiança, está a reconhecer a importância da relação interpessoal no processo de cuidar.

Quando considera o contexto familiar e social de uma pessoa no planeamento dos cuidados, está a adotar uma abordagem global do indivíduo. Nenhuma destas ações exige que o enfermeiro cite explicitamente uma teoria durante a sua intervenção. No entanto, todas elas refletem princípios que foram profundamente explorados e desenvolvidos no pensamento teórico da enfermagem.

Dito de forma simples: mesmo quando não falamos das teóricas, muitas vezes estamos a praticar exatamente aquilo que elas ajudaram a conceptualizar.

## Há risco de esquecer as raízes?

Apesar desta presença implícita, existe algum risco quando a ligação entre teoria e prática se torna demasiado invisível. Se os profissionais começarem a encarar as teorias apenas como um requisito académico distante da realidade clínica, pode perder-se a consciência do seu contributo para o desenvolvimento da profissão.

As Teorias de Enfermagem desempenharam um papel fundamental na construção da identidade disciplinar da enfermagem. Foram essenciais para clarificar o objeto de estudo da profissão, estruturar o pensamento científico e afirmar a especificidade do cuidado de enfermagem no contexto dos sistemas de saúde.



Sem este enquadramento conceptual, a prática poderia facilmente reduzir-se a um conjunto de tarefas técnicas, desprovidas de reflexão disciplinar.

Recordar a importância das teorias não significa transformar cada intervenção clínica numa discussão filosófica. Significa, sobretudo, reconhecer que o conhecimento teórico constitui um dos pilares que sustentam a prática profissional.

Por outro lado, a investigação em enfermagem continua a desempenhar um papel essencial na atualização e desenvolvimento dos modelos conceptuais. As teorias não são estruturas estáticas; evoluem à medida que surgem novos conhecimentos e novas realidades na prática clínica.

Assim, diríamos que não, as “**teóricas de enfermagem**” **não desapareceram, estão presentes sem darmos conta**, apenas se tornaram tão bem integradas na prática que já não sentimos necessidade de as mencionar a cada intervenção.

E talvez esse seja, afinal, um dos maiores sinais do seu sucesso.

**Raquel Pereira**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem

**Rita Marques**

Professora Coordenadora da Área de Ensino de Enfermagem



# Ser Enfermeiro Professor e Gestor no Ensino Superior:

entre a profissão e a estratégia  
educativa.

Ser enfermeiro é, desde sempre, assumir um compromisso profundo com o cuidado, com as pessoas e com a sociedade. Quando essa identidade profissional se cruza com funções de gestão e liderança no ensino superior, emerge um papel particularmente desafiante e simultaneamente enriquecedor: gestão no contexto académico.

No contexto académico, a enfermagem não é apenas transmitida como um conjunto de conhecimentos técnicos ou científicos. Ela é vivida como uma profissão com valores, responsabilidades sociais e uma forte dimensão humana. Ao assumir funções de gestão no ensino superior, o enfermeiro inicia uma missão que ultrapassa a organização de processos ou a coordenação de equipas. Trata-se de contribuir para a construção de um ambiente académico que promova a formação de profissionais com espírito crítico, competentes e comprometidos com a qualidade dos cuidados de saúde.

Este papel implica um equilíbrio constante entre duas dimensões fundamentais: a identidade profissional da enfermagem e a estratégia educativa da instituição.

Por um lado, o enfermeiro em funções de gestão traz consigo a experiência da prática clínica, o conhecimento das necessidades reais dos serviços de saúde e a consciência das exigências da prática profissional. Por outro, integra uma estrutura académica, com uma determinada cultura organizacional, que exige planeamento estratégico, desenvolvimento curricular, inovação pedagógica e articulação com múltiplos atores institucionais.

**Assim, a gestão no ensino superior preconiza aceitar um papel de ponte entre a prática e o conhecimento, entre a experiência e a inovação, entre a profissão e a educação.**

**É trabalhar para que cada estudante que passa pela instituição leve consigo não apenas competências técnicas, mas também os valores e a responsabilidade social que definem a enfermagem.**

Ser enfermeiro gestor no ensino superior significa, igualmente, participar na afirmação pública da enfermagem enquanto profissão científica, ética e socialmente relevante.

As instituições de ensino superior são espaços privilegiados para promover reflexão, inovação e desenvolvimento profissional. Neste sentido, o enfermeiro tem a oportunidade — e a responsabilidade — de contribuir para fortalecer a identidade da enfermagem, valorizando o seu papel no sistema de saúde e na sociedade.

Após 15 anos neste papel, a visão é o horizonte da profissão. Gerir no ensino não é apenas administrar orçamentos ou horários; é desenhar o futuro da identidade profissional de milhares de futuros colegas.

A transição da docência para a gestão académica exige uma “ginástica” identitária constante. Por um lado, manter o ADN da enfermagem — a proximidade, a ética do cuidado e a resiliência. Por outro, o confronto com a necessidade de uma visão macroscópica, onde a estratégia educativa tem de responder a exigências políticas, acreditações rigorosas e à mutabilidade do mercado de trabalho.

Nesta década e meia de gestão, aprendi que ser enfermeira me deu uma vantagem competitiva na tomada de decisão: a capacidade de lidar e liderar com pessoas. Gerir no Ensino Superior é uma forma de cuidado indireto. Se no hospital cuidamos de um indivíduo, na gestão cuidamos da sustentabilidade da profissão.

A estratégia educativa obriga-nos a olhar para 2030 ou 2040: que competências serão necessárias? Como integrar a inteligência artificial sem perder o toque humano? Como manter o corpo docente motivado num cenário de crescente pressão?

Estes 15 anos ensinaram-me que a longevidade num cargo de direção não deve resultar em inércia, mas sim numa sabedoria acumulada que permite dizer “não” ao que é apenas acessório e “sim” ao que é estruturante.

Olhando para trás, percebo que o maior desafio foi manter a ponte erguida entre o mundo académico e a realidade assistencial. O enfermeiro no topo da hierarquia académica tem a responsabilidade de garantir que a teoria não se divorcia da prática.

Ser gestora e enfermeira é viver num estado de insatisfação produtiva. É saber que cada regulamento aprovado e cada plano estratégico desenhado é, na verdade, um compromisso com a sociedade.

Ocupar este espaço há 15 anos é a prova de que a enfermagem tem uma voz política essencial, capaz de moldar não só o ensino, mas o futuro da própria saúde.

**Teresa Silveira**

Vice-presidente do Conselho de Direção da ESS CVP Lisboa



# Pontos da História da Enfermagem

## e da sua evolução aos dias de hoje, através de excertos do Jornal A CHAMA

A história da enfermagem esteve sempre associada à história dos cuidados. Desde os primórdios da humanidade, os cuidados foram assegurados pelas mulheres detentoras de um conhecimento empírico partilhado oralmente de geração em geração. Este conhecimento passou a ser tutelado pela medicina e pela religião e a sua transmissão passou a fazer-se através da escrita em manuais destinados a enfermeiras e auxiliares de enfermagem.

Esta evolução aconteceu num período de avanços da Física, entre o século XVIII e o século XX, que abriram caminho para o diagnóstico e para o tratamento, exigindo dos médicos que se dedicassem à investigação e delegassem as tarefas que até então eram suas, às mulheres enfermeiras, vistas como auxiliares dos médicos.

A bibliografia refere-se a manuais escritos pelos médicos e pessoas da Igreja no século XVIII, que integravam as dimensões moral e técnica, nos quais constavam registos precisos dos procedimentos e atitudes que deveriam ser rigorosamente cumpridos pelas mulheres auxiliares de enfermagem, e mulheres consagradas.

Por um lado, à mulher enfermeira era exigida uma atitude submissa, dedicada à sua missão de amor aos outros, paciente, simpática e delicada.

Por outro lado, cumpridora dos princípios e procedimentos, tal como se encontravam explicitados, na lógica da reprodução dos mesmos e não da produção de conhecimento ou pensamento.

Identificam-se assim os dois grandes marcos da história da enfermagem que se mantiveram ao longo do tempo, mesmo após o contributo de Florence Nightingale para a profissionalização da enfermagem em finais do século XIX, princípios do século XX.



Após os ganhos para o conhecimento em enfermagem decorrente do contributo das teóricas de enfermagem ao longo do século XX, abriu-se caminho à Enfermagem como uma disciplina com conhecimento próprio.

A 1.ª edição de A CHAMA situa-se neste tempo da enfermeira tarefaira, preparada para intervir face à doença que afeta a Pessoa, com vista à sua cura, num ambiente estritamente hospitalar e dependente das indicações médicas, a transitar do tratar para o cuidar, para a valorização da satisfação das necessidades humanas básicas bem como para a valorização da relação com o doente, ou a valorização do processo de adaptação do mesmo, face a estímulos internos ou externos que o coloquem em desequilíbrio.

Considerando os marcos da história da Enfermagem com maior relevo, o início de A CHAMA, em 1952, relacionou-se com a apresentação e discussão de trabalhos elaborados pelas alunas na aula de Moral, uma disciplina que fazia parte do plano de estudos no curso de enfermagem da altura. A valorização da qualidade dos mesmos por parte da professora levou-a a sugerir a criação de um jornal que permitisse que todas as alunas pudessem publicar os seus trabalhos.

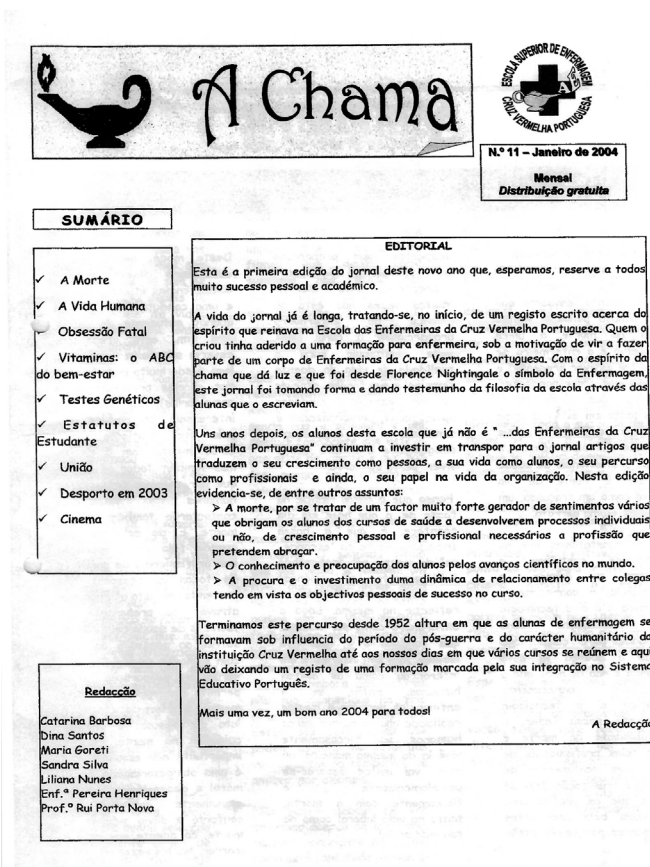
A ideia foi aceite e concretizada pelas alunas, desde a fase da escolha do nome, que passou por “Asas brancas”, “Caminhando” e, por fim, “A CHAMA”, sendo esta hipótese a que foi a opção escolhida, considerando o seu significado associado à lamparina enquanto símbolo da enfermagem, desde Florence Nightingale.

Como ficou mencionado no editorial desta 3.ª edição, o jornal evidenciava os principais marcos da história da enfermagem, não sendo estes exclusivos da realidade portuguesa. São descritas na bibliografia, a influência da medicina assim como a influência cristã, como transversais à evolução da enfermagem nas várias civilizações, mantendo-se ao longo dos tempos.

O Jornal espelha a influência cristã reforçada pela importância da Igreja no Estado Novo em Portugal o que não passa despercebido. Este é, talvez, o assunto com maior dimensão quanto aos princípios veiculados, mas também pelo cumprimento rigoroso e indiscutível dos princípios morais e religiosos que os autores nos apresentam, como sendo, o que se pretendia desenvolver na mulher enfermeira ao longo do tempo: mulheres submissas, cumpridoras das indicações médicas, simpáticas, bondosas com os doentes, boas técnicas, discretas.

As condições de admissão das alunas à Escola das Enfermeiras da Cruz Vermelha, aparece descrita como uma preocupação que levou a muita exigência: “não é lógico admitir num curso, uma mulher de vida imoral, nem outra cujos conhecimentos sejam excessivamente reduzidos” (p. 2 do n.º 4, de Julho de 1952).

Neste caminho, a enfermagem manteve-se na alçada médica durante muitos anos, nos contextos de trabalho e na sua formação. Disto nos dá conta o mesmo jornal que



informa quem o lê, que a Cruz Vermelha teve em conta o estado da enfermagem em Portugal e a dificuldade sentida em contextos de guerra, devido à ausência de formação dos enfermeiros, nomeadamente em cirurgia, e desencadeou esforços para habilitar enfermeiras para intervirem, tanto em situação de guerra como em situação de paz.

Era necessária uma Escola para o efeito e foi nomeado o Dr. José Gentil para pensar em Escolas de Enfermagem modernas, à imagem de outros países europeus. O início dos cursos de enfermagem na Cruz Vermelha aconteceu com o contributo da Escola Técnica de Enfermagem, na elaboração e implementação do primeiro plano de estudos. O Dr. José Gentil assumiu a responsabilidade da Direção da escola, sendo a lecionação das aulas, da responsabilidade de médicos, padres, e outros professores, sendo que o jornal não nos informa acerca da sua área de conhecimento. Só posteriormente, as enfermeiras ocuparam estas funções enquanto monitoras.

O conhecimento em enfermagem ia-se desenvolvendo. Os problemas da profissão estavam a ser equacionados, já com a ajuda de sindicatos. A preparação e formação dos enfermeiros era uma necessidade e, com isto, o Jornal A CHAMA estava num período de transição da enfermagem para uma profissão que se desejava que fosse autónoma, e foi sendo permitido que o enfermeiro estudasse, pensasse, refletisse e adequasse os cuidados ainda que se mantivesse a influência médica e da igreja.

Não se sabia até onde iriam os contributos das teóricas de enfermagem; quando haveria a Ordem dos Enfermeiros; que se falaria em escolas do pensamento, no Metaparadigma de Enfermagem; nem que o REPE iria definir o quadro legal da profissão em Portugal; ou que as competências dos enfermeiros de cuidados gerais e as dos especialistas, iriam constar em documento próprio estabelecido pela Ordem dos Enfermeiros bem como padrões de qualidade, etc.

Considero que o conhecimento da História é importante e, por isso mesmo, o registo. Faço-o de forma muito breve e quase pouco rigorosa, passando ao lado (embora não ignorando) de alguns aspetos que não foram aqui incluídos, mas tiveram grande impacto na Enfermagem tal como hoje a vivemos.

### **Conceição Pereira Henriques**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem

# A arte e o voluntariado na enfermagem

O percurso de voluntariado desenvolvido por Cristina Centeno constitui um exemplo significativo do potencial transformador da arte no contexto da enfermagem e da intervenção comunitária. Entre 2008 e 2023, foi desenvolvido um projeto pessoal de voluntariado no Centro Laura Vicuña – Nossa Senhora Auxiliadora, em Inharrime, Moçambique, dirigido a 78 crianças órfãs, envolvendo também 13 elementos do orfanato, enfermeiros do centro de saúde local, trabalhadores da instituição e formadores em saúde das aldeias da região.

Partindo do entendimento de que a arte é uma expressão essencialmente humana, capaz de mobilizar dimensões cognitivas, emocionais e sociais, o projeto integrou atividades nas áreas da promoção da saúde e do desenvolvimento lúdico-pedagógico. Através destas iniciativas procurou-se criar ambientes de aprendizagem e de cuidado que estimulam o desenvolvimento afetivo, cognitivo e relacional das crianças.





A criação artística assumiu um papel central neste processo. O ato de criar, através da pintura e da expressão visual, revelou-se um poderoso instrumento de estimulação cognitiva, favorecendo o pensamento divergente, a atenção, a memória de trabalho e a flexibilidade cognitiva. Paralelamente, o ato de fruir a arte, quer pela observação das obras criadas coletivamente, quer pela escuta de música clássica, contribuiu para ativar dimensões emocionais, promover a empatia e reforçar o bem-estar psicológico.

Entre as atividades desenvolvidas, destacam-se os projetos de pintura de murais e vitrais em duas igrejas da comunidade, realizados com a participação ativa das crianças. Estes momentos artísticos foram também acompanhados por sessões de escuta musical, criando um ambiente sensorial e afetivo que favoreceu a expressão individual, o sentido de pertença e a valorização cultural.





Este conjunto de práticas demonstra como a arte pode funcionar como um instrumento de cuidado e de promoção da saúde, alinhado com uma visão humanista da enfermagem. Ao estimular processos criativos e experiências estéticas significativas, a intervenção contribuiu não apenas para o desenvolvimento das crianças, mas também para o fortalecimento de redes comunitárias e para a promoção da saúde mental.

A experiência de Cristina Centeno evidencia, assim, o potencial da arte enquanto recurso terapêutico, educativo e social, capaz de gerar um ciclo virtuoso de estimulação cognitiva e emocional, com impacto duradouro na vida das pessoas e nas comunidades onde se insere. Este trabalho reforça a importância de integrar abordagens criativas nas práticas de enfermagem, reconhecendo a arte como uma via privilegiada de cuidado, inclusão e transformação social.

**Cristina Centeno**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem (atualmente aposentada)

**Sofia Militar**

Professora Adjunta da Área de Ensino de Enfermagem





**ESCOLA  
SUPERIOR  
DE SAÚDE  
CRUZ  
VERMELHA  
PORTUGUESA**

## **CONTACTOS**

 Avenida de Ceuta, n.º1  
11300-125 Lisboa, Portugal

 **WWW.ESSCVP.EU**

 **esscvp@esscvp.eu**

 **+351 213 616 790**

**ESS. O Futuro da Saúde.**